

NÓS

NÓS



UMA ANTOLOGIA DE
LITERATURA INDÍGENA

ORGANIZAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

MAURICIO NEGRO



Copyright do texto © 2019 by Vários Autores
Copyright das ilustrações © 2019 by Mauricio Negro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou
em vigor no Brasil em 2009.*

Composição
YUMI SANESHIGUE

Tratamento de imagem
AMÉRICO FREIRIA

Revisão
NINA RIZZO
LUCIANA BARALDI
ISABEL CURY
ANGELA DAS NEVES
VALQUÍRIA DELLA POZZA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nós : uma antologia de literatura indígena /
organização e ilustrações Mauricio Negro. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2019.

ISBN 978-85-7406-864-0

1. Índios — Literatura infantojuvenil
2. Literatura indígena 3. Literatura infantojuvenil
I. Negro, Mauricio.

19-24879

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

☎ (11) 3707-3500

🌐 www.companhiadasletrinhas.com.br

🌐 www.blogdaletrinhas.com.br

📘 [/companhiadasletrinhas](https://www.facebook.com/companhiadasletrinhas)

📸 [companhiadasletrinhas](https://www.instagram.com/companhiadasletrinhas)



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Nós. Mas, afinal, nós quem?, por Mauricio Negro

9

AMOR ORIGINÁRIO

Povo mebengôkré kayapó,
de Aline Ngrenhtabare L. Kayapó e Edson Kayapó

15

HARIPORIA, A ORIGEM DO AÇAÍ

Povo saterê-mawé, de Tiago Hakiy

29

GUARÛGUÁ, O PEIXE-BOI DOS MARAGUÁ

Povo maraguá, de Yaguarê Yamã e Lia Minápoty

39

YAWARETÊ AÇU, O JABUTI E A ONÇA-PINTADA

Povo pirá-tapuya waíkhana, de Rosi Waikhon

49

JIBIKÍ PORIKOPÔ, O FURTO DA PANELA DE BARRO

Povo balatiponé umutina, de Ariabo Kezo

57

WATÓ, A PEDRA DO FOGO

Povo taurepang, de Cristino Wapichana

69

WUHH SIBURU, PENEIRA DE ARUMÃ

Povo umuko masá desana, de Jaime Diakara

81

OS RAIOS LUMINOSOS

Povo guarani mbyá, de Jera Poty Mirim

93

POKRANE E KREN, POR QUE NÃO HAVIA GÊMEOS ENTRE OS KRENAK

Povo krenak, de Edson Krenak

107

KAUDYLY UMENOBRY, NOS PRIMÓRDIOS DOS TEMPOS

Povo kurâ-bakairi, de Estevão Carlos Taukane

119

NÓS. MAS, AFINAL, NÓS QUEM?



MAURÍCIO NEGRO

A antologia que você tem em mãos é um desafio que me dispus a organizar e ilustrar e poderia ter muitos nomes, emprestados das mais de 275 línguas indígenas, que já foram mais de mil quando os europeus desembarcaram no pré-Brasil.

Imagine a infinidade de histórias inspiradoras, narradas pelos mais velhos aos mais novos, ao redor de uma fogueira na boca da noite! Pois bem, algumas dessas narrativas já foram coletadas e registradas por pesquisadores, especialistas, acadêmicos, tupinólogos, curiosos e aventureiros. Só que as dez histórias reunidas aqui são narradas por escritores indígenas, legítimos herdeiros de diferentes etnias, que oferecem uma oportunidade de desatar alguns desses "nós".

Afinal, quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Os indígenas são aqueles que de fato pertencem ao lugar. Nativos, como dizem. Gente da terra, com a qual mantém uma relação de profunda dependência, interação, respeito e parentesco. Índio, caipira, caboclo, caiçara, ribeirinho, quilombola, camponês, interiorano — cada qual sob sua cultura,

língua, costumes, tradições e território —, que ainda sentem estreiteza com os outros e com a própria natureza.

A maioria da população vive hoje quase integralmente nas cidades. Além disso, pelo menos 40% dos indígenas também sobrevivem fora de suas aldeias de origem, buscando manejar os códigos e as demandas da sociedade dominante. Lutam para ser aceitos e respeitados pelas suas raízes ancestrais. Embora sejam brasileiros, os dez escritores que assinam as narrativas desta coletânea são antes Mebengôkré Kayapó, Saterê-Mawé, Maraguá, Pirá-Tapuya Waíkhana, Batiponé Umutina, Taurepang, Umuko Masá Desana, Guarani Mbyá, Krenak e Kurâ-Bakairi.

A importância em acolher, proteger e conhecer todas essas identidades é maior do que se imagina. Os indígenas podem nos ensinar a viver melhor em um mundo pior, já afirmou o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Podem nos ajudar a redesenhar a paisagem que a sociedade vigente desfigura; a recuperar valores essenciais de convívio, compreensão e comprometimento para enfrentar as dramáticas alterações que causamos aos biomas, à fauna e ao clima; a mostrar que os atuais padrões de consumo são insustentáveis e que os modelos políticos e econômicos são incapazes de produzir uma sociedade justa, saudável e digna para todos.

O falecido líder indígena Moura Tukano, um dos padrinhos da atual geração de indígenas escritores, certa vez confessou que estranhava a humanidade “branca” precisar de anos de formação para aprender o valor das coisas, das plantas, dos

animais, dos seres humanos. E, em contrapartida, levar um átimo para conhecer o valor dos minérios. Ele também me disse que todo barulho que fazemos é pela incapacidade de ouvir o silêncio. Para ele, o tal desenvolvimento era mesmo um des-envolvimento.

A chamada literatura indígena carrega esse desejo profundo de reatar e fortalecer os laços entre todos nós, de uma sabedoria antiga, cujos ecos ainda estão por aí pedindo reforço em palavras e imagens.

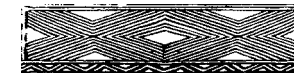
Boa trilha!

POVO MEBENGÔKRÉ KAYAPÓ





AMOR ORIGINÁRIO



ALINE NGRENHTABARE L. KAYAPÓ E EDSON KAYAPÓ

A aldeia já estava iluminada por **MYTYRUWY-RAJ MORO**, a lua crescente. Panhonka contava as horas, ansiosa pela chegada da **MYTYRUWY-NOTI**, a lua cheia.

Desde muito cedo a jovem kayapó se acostumou a ouvir sua mãe, **IRUWÁ**, contar que, durante a lua cheia, os homens, os **ME MY**, e as mulheres, as **MENIRE** e as **MEKURERERE**, se encontravam pela aldeia para se conhecer e eventualmente namorar. Por isso, a menina deveria tomar cuidado.

Durante o dia, Panhonka observava o guerreiro que mexia com seus sentimentos. Bepkaety tinha cabelos longos e escuros, pele dourada e **TUIRENTA**. Além da fama de excelente pescador de pirarucu nos extensos lagos da bacia do rio Xingu, o rapaz era um habilidoso líder da aldeia, capaz de conduzir as reuniões comunitárias e mediar os conflitos locais. Também servia como técnico de enfermagem e sonhava se tornar médico, para levar dignidade ao seu amado povo e mais felicidade à sua aldeia. Quando chegou o tempo de Bepkaety se ausentar do convívio da aldeia para estudar, Panhonka sofreu de